



MUSEU DO
DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL

Sic transit gloria mundi

Pedro A.H. Paixão

“De resto, nenhum homem pode sentir plenamente a sua própria realidade, excepto de olhos fechados; como se as trevas fossem efectivamente o elemento próprio das nossas essências, sendo a luz mais congénita com a nossa natureza material.”

Herman Melville, *Moby Dick*, cap. XI

Neste desenhar atravessamos a longa cegueira aquática.

Estas efígies, representadas em desenhos de moedas, compõem parte de um amplo ciclo gráfico de trabalhos a encarnado que Pedro A.H. Paixão desenvolve desde 2007. Retratos de um passado para além da história, do reconhecimento ou da figuração, grotescos, fantasmáticos, expõem o passar de vozes deste mundo, anónimas mas gloriosas. Figuras sem nome e sem reino que subvertem a ordem e o poder ao serem inscritas em moedas, medalhas, camafeus.

Da loucura do Capitão Ahab de Melville, que convence a tripulação a deixar a pesca por um dobrão, para se dedicar à procura suicida de Moby Dick, ao reconhecimento da tradição das *hobo nickel**, propõe-se aqui uma ideia de dinheiro que pensa a sua estrutura narrativa e representativa e investe numa parábola – receber, transformar, dar – em si, também, a parábola da tarefa artística.

Nestes desenhos não se “cunham” soberanos, divindades ou talismãs. Dá-se luz e voz a figuras cruciais que evidenciam o valor de troca ou de partilha humano.

9 de abril a 4 de junho de 2016 | Projeto Plano Tangente 2016

Texto de publicação
Paulo Pires do Vale

Coordenação, produção
e design de exposição
Museu do Dinheiro -
Banco de Portugal

Design gráfico
e de estruturas,
comunicação,
audiovisuais, segurança
Banco de Portugal

Tradução
José Roseira

* Tradição da arte de modificar moedas, que surge nos finais do século XIX e inícios do XX, das mãos de nómadas sem abrigo, ditos hobo. Inicialmente desapossados da Guerra Civil americana, eles habitavam, por opção, próximo de estações de comboio, mas sempre em deslocação. Foi nos seus tempos livres, entre um biscate e outro, que se dedicaram a gravar moedas que recebiam e ofereciam de volta como forma de agradecimento por uma amizade, uma boa conversa ou a troca de uma refeição, boleia ou abrigo.

O nickel foi para eles um precioso suporte de trabalho. Aí deram voz a uma discreta crítica social: em vez dos comuns soberanos preferiam, p.ex., figurar-se eles mesmos ou figurar quem, a troca de pão ou teto, lhes sugeria um retrato.

Pedro A.H. Paixão é artista plástico, investigador e editor português. Nasceu no Lobito (Angola) em 1971. Vive e trabalha entre Milão e Lisboa.

Tem o Curso Avançado de Artes Plásticas do Ar.Co, é Mestre em Belas Artes pela The School of the Art Institute of Chicago e Doutorado em Filosofia pela Faculdade de Letras de Universidade do Porto, graus obtidos cum laude. Foi bolseiro da Fundação Luso-Americana, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia e Solomon R. Guggenheim Foundation (NY/Veneza). Ensinou Estética na Università IULM (Milão) e foi visiting professor in research na Università Cattolica del Sacro Cuore (Milão).

Fundou e dirige o projeto editorial Disciplina Sem Nome para a editora Assírio & Alvim / Documenta, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Carmona e Costa. Foi editor convidado do número 130 da revista New Observations (NY), apresentado na New York Art Book Fair 2014, no MoMA/PS1 (NY). É membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

O seu trabalho artístico é representado pela Galeria 111.

www.pedroahpaixao.info